

José Lins do Rego no Recife: só um panfletário?

Diego Fernandes Freire*

“Está ainda para ser reconstruída em detalhes a vida de José Lins do Rego no Recife, como estudante, de 1919-1923”. Edson Nery da Fonseca

Ao contrário da trajetória de formação intelectual de Gilberto Freyre, a de José Lins do Rego ainda demanda uma reconstrução, por parte dos estudiosos de sua obra. É nesse sentido que o presente texto visa contribuir: retratar os anos recifenses de José Lins do Rego, entre 1919-1923. Nos primeiros meses de 1919, o jovem paraibano ingressou na tradicional Faculdade de Direito do Recife, após concluir o curso secundário no Ginásio Pernambucano, onde estudava desde 1917, data de sua chegada ao Recife. Neto de senhor de engenho da várzea paraibana, o coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque, José Lins, indo estudar Ciências Jurídicas no Recife, seguia o exemplo de vários jovens ligados à elite açucareira nordestina, ávida por ter em seu seio um representante jurídico para auxiliar nos seus negócios.

Embora a Faculdade de Direito do Recife nas décadas iniciais do século XX não fosse a mesma instituição dos tempos de Silvio Romero e Tobias Barreto, tal centro de ensino ainda desfrutava de um considerável prestígio social. Vários intelectuais renomados no meio pernambucano, como Farias Neves Sobrinho, Netto Campello, Joaquim Pimenta e Odilon Nestor, passeavam pelos corredores daquela Faculdade. O indivíduo, seja na condição de estudante ou professor, que circulava na Faculdade, gozava de certa estima na sociedade. Acadêmico, era o título simbólico que revestia as pessoas que ingressavam em tal estabelecimento de ensino, dotando-as de um *capital simbólico* (BOURDIEU, 2004; BOURDIEU, 1996)¹ na sociedade recifense (SCHWARCZ, 1993).

A vida do acadêmico José Lins na Faculdade de Direito, mantida graças às mesadas do avô, que queria ver o neto como um doutor, foi marcada por um desinteresse pelo curso. O estudante paraibano não se dedicou com afinco as disciplinas e as leituras desta. Seu

* Licenciado em história pela UFRN e mestrando nessa mesma instituição pelo PPGH, onde desenvolve sua pesquisa com ajuda financeira da Capes.

¹ Usado aqui no sentido de bens imateriais. Refere-se a capacidade de os indivíduos serem investidos de certas propriedades distintas, as quais lhe conferem um prestígio e uma boa reputação social.

desempenho no Segundo Ano do curso consistiu em uma aprovação “simplesmente” em quase todas as disciplinas. No Quarto Ano, novamente um fraco desempenho: aprovado “simplesmente” em todas as disciplinas, exceto na de Direito Comercial, pois perdeu o exame da mesma (A Província, 02/12/1920; A Província 15/03/1923). Segundo Edson Nery da Fonseca, renomado pernambucano estudioso da obra de Gilberto Freyre e ex-bibliotecário da Faculdade, o “simplão”, como era chamada por muitos estudantes e professores a aprovação “simplesmente” em uma disciplina, correspondia ao rendimento mínimo para uma aprovação em uma das cadeiras do curso de Ciências Jurídicas (FONSECA, 2002, 92).

O próprio José Lins registrou da seguinte maneira sua estadia na Faculdade:

O estudante José Lins do Rego, aquele que mal sabia onde ficavam as vossas salas de aulas, mas que era íntimo de todas as agitações da escola, o que gritava pelos vossos corredores, cantando em voz alta e desafinada árias de operetas da moda, o que botava apelidos, o que se fizera de terror em arruaças de rua e boemia, o rapaz perdido, o aluno péssimo de Dr. Amazonas, bacharel de 1923, que não entrou no quadro de formatura, porque consumiu em cerveja da rua do Santo Amaro as verbas do avô. [...] Fui criatura de triste figura em curso de generosas simplesmente, o estudante que brincou com vossas grandezas, sem levar em conta as responsabilidades de sua geração (REGO, 1951, 137-139).

As palavras do bacharel traçam a figura de um estudante que pensava a Faculdade mais como um espaço de sociabilidades, isto é, um local para conhecer novas pessoas, fazer novas amizades, encontrar rápidos divertimentos etc., do que como um centro de ensino formador, voltada para a constituição de uma intelectualidade ou classe dirigente das instituições estatais. Elas revelam que José Lins, na sua época de acadêmico, não estava muito preocupado com sua formação enquanto bacharel em Ciências Jurídicas.

A musa das letras jurídicas não seduziu o jovem paraibano, não conseguiu despertar nele interesse e animo. Daí porque, já formado, em 1925, José Lins teve apenas uma rápida atuação na área jurídica, isto é, trabalhou menos de um ano como promotor público, em Manhuaçu, interior de Minas Gerais, emprego arranjado pelo seu sogro, um homem de prestígio político. Em uma carta de 1927, endereçada ao seu grande amigo Gilberto Freyre, José Lins assim se lembrava desse trabalho: “felizmente o meu cargo não exigia que eu

estivesse a aparecer. Se não seria uma vergonha” (carta de JRL a GF, 04/08/1927²). O desprezo pelo ofício jurídico é confessado novamente em um depoimento concedido a Francisco de Assis Barbosa, em 18 de Dezembro de 1941: “em 1925 fui nomeado promotor público em Manhuaçu, no interior de Minas. Passei o ano lendo e conversando com José de Queiroz Lima” (BARBOSA, 1991, 65). José Lins do Rego foi mais um indivíduo que desfrutou das benesses e comodidades do funcionalismo público brasileiro.

A passagem citada mais acima indicia também o comportamento boêmio do depoente. A boemia foi, certamente, um dos elementos que contribuíram para José Lins não ter em muita conta as atividades de estudante. A presença nas aulas, a leitura dos livros, a realização de exames e provas, ou seja, a rotina acadêmica apresentava-se como algo enfadonho, desinteressante. As conversas nos cafés e bares, as polêmicas literárias nos corredores e a agitação de movimentos sociais exerciam maior fascínio no estudante paraibano. José Lins entregou-se à vida de jovem boêmio e militante, rapaz tanto da esquina Lafaiete³ como dos comícios políticos. Segundo Souza Barros, José Lins do Rego e seu companheiro de atividade política Osório Borba eram visitantes costumeiros do Café Continental. Ao contrário do que ocorria com Gilberto Freyre, por exemplo, era rotineira a presença do primeiro nos bares e cafés recifenses da Rua do Imperador e Santo Amaro (BARROS, 1985, 231). Barbosa Mello, que fez parte da turma de Ciência Jurídicas de José Lins, aponta que foi companheiro deste em muitas “noitadas alegres” e lembra-se do neto de senhor de engenho como o “velho companheiro de farras pernambucanas” (MELLO, 1980, 369-371). A grande amizade acadêmica de José Lins do Rego, feita na instâncias da Faculdade de Direito, foi justamente com o estudante gaúcho Raul Bopp, rapaz também boêmio e aventureiro, que teve a ideia de cursar Ciências Jurídicas em vários estados do país, devido ao seu projeto de viajar pelo Brasil, o que o fez passar quase 10 anos para se formar em Direito (1918-1925). Relembrando sua amizade com o “amigo mochileiro”, José Lins apontou o seguinte: “Bopp foi uma bomba

² José Lins do Rego (JRL) e Gilberto Freyre (GF)

³ Alusão ao Café Continental, localizado na famosa Rua do Imperador, no Recife, onde localizavam-se os principais jornais e as principais lojas comerciais da cidade. Trata-se de um espaço que arregimentava muitos jovens estudantes. Ver: BARROS, Souza. Joaquim Cardozo e o cenáculo da Lafaiete. In:_____. **A década de 20 em Pernambuco**. Recife: Fundação da cultura, 1985, 217-245.

para mim. Ensinou-me a beber uísque. Ele foi minha grande amizade literária” (BARBOSA, 1991, 60).

Não devemos encarar esse comportamento boêmio de José Lins como uma idiossincrasia, algo particular a tal indivíduo. Na verdade, a vida boemia era a marca de parte considerável da juventude recifense nos anos 1920. A cidade do Recife, com uma população que só que crescia, com serviços de bondes e automóveis, bares, cafés, cinemas, livrarias e teatros, possibilitava um estilo de vida mais informal e desregrado (RESENDE, 1997). Benedito Monteiro, Ascenso Ferreira, Joaquim Cardozo, Luis Jardim, Austro-Costa e vários outros jovens eram presenças marcantes na Rua do Imperador. França Pereira, no seu estudo sobre *um século de vida literária em Pernambuco*, presente no *Livro do Nordeste (1825-1925)*, crítica duramente os boêmios recifenses:

Que teriam deixado num desvão de gaveta, n’alguma perdida “pasta” ou “álbum”, revista ou jornal, os outros boêmios? [...] Ninguém o sabe. Espíritos fadados a luzir, deslumbrar e desaparecer, sem levar nem deixar saudades, porque não se fixavam, cumpriram apenas uma finalidade: a de estrelas errantes na celagem do pensamento. Aquelles letrados não faziam literatura, convertiam-na em trocos meudos para as despesas diárias da palestra, em torno das taças espumosas “champagne”, ou de meia dúzia de “whiskies” e “bocks” de cerveja. [...] Cessado o pretexto, eclizavam-se os originaes boêmios, como sombras chinesas; sem muita vez deixar de sua passagem mais que uma gargalhada e um nome (PEREIRA, 1970, 109).

O espírito boêmio é tão forte que leva o autor do artigo a se perguntar pelo seu legado, pela sua contribuição às letras pernambucanas. Se os boêmios da “Veneza Americana” deram ou não uma contribuição ao meio literário recifense, é uma outra questão, da qual não nos ocuparemos no presente trabalho. Importar destacar que a boemia era uma atividade social relativamente praticada entre os jovens que viviam no Recife dos anos 1920. Somente assim faria sentido a crítica de França Pereira. José Lins do Rego tinha, assim, vários companheiros de boemia, jovens que enveredavam pelo caminho das farras noturnas, dos divertimentos fáceis e das longas conversas regadas a álcool, custeadas por mesadas familiares.

Além da boemia, o acadêmico paraibano se envolveu também no que Gilberto Freyre, em diversos textos, chamou de “panfletarismo político”. Segundo o autor de *Casa Grande e*

Senzala (1933), José Lins, por volta dos anos 1922-1923, estava atolado no jornalismo político mais baixo, na imprensa falaciosa e mercenária. Gilberto Freyre refere-se à atividade do seu futuro grande amigo no jornal *Dom Casmurro*, um periódico panfletário de vida breve (01/11/1922 a 16/04/1923) que sacudiu a vida política e que circulou justamente naqueles anos. Luiz do Nascimento, estudioso da imprensa pernambucana, fornece as seguintes informações sobre tal periódico:

Crítica social. Alta política. Literatura e arte. Entrou em circulação no dia 01 de Novembro de 1922, formato de 32 X 22, com 12 páginas a três colunas de composição. Direção de Osório Borba e José Lins do Rego. Trabalho gráfico na firma de Costa Pinto & Cia., a rua Duque de Caxias, N° 96, aí também instalada a redação. Circulava às segundas feiras (NASCIMENTO, 1982, 147-149).

Na apresentação do primeiro número do semanário consta que o objetivo do mesmo era “refletir o movimento das ideias de hoje, com a divulgação do pensamento novo que uma geração de elite elabora na obscuridade dos meios nortistas, forçando a inércia e a indiferença provincianas” (DOM CASMURRO, 01/11/1922). Tal intento era “contra os moldes da imprensa ultraconservadora, cuja falsa doutrina de moderação oculta, muitas vezes, uma orientação de acomodatismo, de alheamento à vida ambiente, de inércia egoística” (DOM CASMURRO, 01/11/1922) Criado por Osório Borba e José Lins do Rego – o primeiro já um jornalista político conhecido e o outro ainda um acadêmico -, tal semanário tentou alcançar seu objetivo a partir da crônica política, escrita tanto por seus dois diretores como por nomes como Joaquim Pimenta, Oscar Pereira, Bazilio Monteiro e outros. Tais escritos atacavam a política nos níveis locais, estaduais e nacionais. O governo pernambucano, presidido na época pelo Juiz Sergio Loreto, era um dos principais alvos de *Dom Casmurro*, bem como a figura de Estácio Coimbra, parente familiar de Gilberto Freyre.

O panfletarismo político, elemento reivindicado pelos próprios diretores do semanário para definir o periódico, advém da agitada disputa entre “Borbistas” e “Pessoistas”, que esquentou o clima político da sociedade pernambucana nos primeiros anos da década de 1920. Tal disputa se inicia com o vazio governamental deixado pelo político José Bezerra, que governou apenas entre 1919-1920, em razão de sua morte. A partir daí é dada a corrida

para disputa da sucessão governamental. O embate vai envolver, basicamente, dois grupos políticos: “borbistas”, liderados pelo senador e ex governador do Estado Manuel Borba, que lançou a candidatura de José Henrique Carneiro da Cunha, para a qual apoiava Joaquim Pimenta, e “pessoistas”, comandados pela prestigiosa e rica família dos Pessoa de Queiroz e com apoio de amplos setores do governo estadual e federal. Estes lançaram a candidatura de Lima Castro, na época já prefeito de Recife.

O fato de os “pessoistas” terem o apoio do então presidente do Brasil Epitácio Pessoa fez com que a disputa ganhasse contornos de o local contra o nacional. Os seguidores de Manoel Borba, dentre os quais se incluía José Lins do Rego e Osório Borba com o *Dom Casmurro*, colocavam-se como autonomistas, contras as ditas intenções intervencionistas do governo pernambucano, apoiado em nível federal. O problema da centralização X descentralização voltava a aparecer aqui. Os comandados pela família Pessoa de Queiroz representariam as intenções centralizadoras do governo, as forçar centrífugas do Estado Brasileiro, ao passo que os “borbistas” encarnariam os anseios descentralizadores, adeptos do estadualismo nacional. Assim, de uma sucessão governamental a nível estadual fez-se toda uma discussão sobre o Estado Brasileiro, acerca das supostas intenções deste.

O semanário *Dom Casmurro* se bateu pelos “borbistas” contra os “pessoistas”. Comprova isso a abertura do periódico às colaborações de Joaquim Pimenta, um dos líderes do movimento autonomista e dos operários recifenses (BARROS, 1985, 85-108). É provável que Lins do Rego tenha convidado aquele para contribuir no jornal que dirigia, uma vez que em 1922-1923 Joaquim Pimenta era professor substituto da Faculdade de Direito do Recife e partilhava na época com o estudante paraibano o apoio a Manoel Borba. Nessa época, os dois acadêmicos estreitaram os laços, em uma relação de admiração mútua⁴. Segundo Luiz do Nascimento, o periódico ora em apreço sofreu muitas ameaças e perseguições políticas, devido a sua postura extremamente crítica em relação à política local. Oscar Pereira, um dos colaboradores do semanário, afirmou em suas memórias que “os amigos de Sergio Loreto

⁴ Como se mostrará mais na frente, José Lins chegou a eleger Joaquim Pimenta como um dos grandes nomes da geração de literatos pernambucano dos anos 1920.

ameaçaram Agostinho Bezerra de prisão e outras coisas a mais, caso continuasse a imprimir *Dom Casmurro*. Ao mesmo tempo, procuraram Tomé Gibson, exigindo-lhe a demissão sumária de Osório Borba do cargo de redator do Jornal Pequeno” (NASCIMENTO, 1982, 149). O golpe final no jornal panfletário foi dado em 30 de Abril de 1923, quando determinados indivíduos invadiram a oficina de Nelson Firmo e a destruíram. Nem os exemplares antigos de *Dom Casmurro* escaparam, em uma nítida operação de destruição e apagamento da história⁵.

Porém, a atuação de Lins do Rego a favor dos borbistas não se resumia somente a sua ação no *Dom Casmurro*. Nesse contexto de disputa política governamental e talvez influenciado pelo orador de sucesso que era Joaquim Pimenta, o acadêmico neto de senhor de engenho também praticava discursos inflamados em praças e ruas. Ao lado da vida desinteressante de estudante de Ciências Jurídicas, atuava também como um militante social, a proferir discursos e mais discursos, tentando empolgar as massas urbanas. Eis a lembrança do adulto já consagrado romancista sobre essa sua faceta: “este é o Recife de minha mocidade, dos meus primeiros arroubos cívicos, com seu povo, povo que, em estudante, procurei conquistar, sem sucesso, em discursos de praça pública” (REGO, 1951, 140). Em uma carta não datada a Gilberto Freyre (provavelmente de 1924 ou 1925), confessava “tinha grande vontade de ser um grande orador acadêmico e agitar as multidões. Tinha grande vontade de ser jornalista político e dizer muito desaforo” (JLR A GF, S/D).

O conteúdo desses atos públicos eram, em sua maioria, as questões da política local: crítica ao governo, denúncia da miséria econômica e social do povo recifense, a violência social. Lins do Rego tinha certo apreço por essa atividade de ativista social: “a oratória me fascinava. Vivia promovendo greves só para fazer os meus discursos de dó de peito. Saí muito pelo interior do estado (Pernambuco) com o senador Manoel Borba, na campanha de sucessão do governo José Bezerra, contra as intervenções de Epiácio Pessoa” (BARBOSA, 1991, 60-61). Gilberto Freyre também comentou essa faceta do seu amigo: “falara de improviso nos

⁵ No arquivo público do Estado Pernambucano constam apenas alguns números do semanário, justamente aqueles que sobreviveram ao ataque das autoridades políticas: os números 1, 2 e 3, os cobrem uma temporalidade que vai de novembro de 1922 a fevereiro de 1923.

comícios dos chamados “autonomistas” de Pernambuco; gastara-se na mais estéril e vã das retóricas demagógicas” (FREYRE, 1978, 49). O jornal *A província* de 26 de novembro de 1921 noticia um empolgante discurso do “eloquente e talentoso acadêmico José Lins do Rego, que interpretou o sentir da mocidade” (A PROVÍNCIA, 26/11/1921). Essa *performance* versou sobre a morte do jovem Edgar de Oliveira, “injustamente assassinado dias atrás”. Como se vê, o estudante paraibano da Faculdade assumiu-se publicamente como um orador representante de determinados grupos sociais, orador que se deixou envolver tanto por questões sociais como por querelas políticas. A militância política foi tal que José Lins chegou a ser apontado por Luis Lima como um dos jornalistas líderes da política local⁶.

A boemia e o ativismo político, elementos presentes no acadêmico Lins do Rego, conforme estamos mostrando, vai, inicialmente, fazer com que Gilberto Freyre reduza o seu amigo paraibano a condição de mero “panfletário político”. Segundo o mestre de Apipucos, quando retornou ao Recife em 08 de março de 1923 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 08/03/1923), José Lins não passava de um jovem jornalista político, a praticar sublitteratura em periódicos demagógicos de oposição. Em vários textos, Gilberto Freyre ratifica que seu amigo estava deformado, perdido pelo pafletarismo político. Fiquemos apenas em uma citação:

Ainda alcancei José Lins do Rego escrevendo artigos, com ânimo combativo, num *jornal do Recife*, já em decadência, e, panfletariamente, em *Dom Casmurro*. Panfletariamente contra o Governador interino Severino Pinheiro, contra Sergio Loreto, contra o genro do Governador e Diretor de Saúde Pública, o brilhante Amaury de Medeiros, contra Estácio Coimbra, então Vice-Presidente da Republica. *Dom Casmurro* era financiado por grupo hostil a todos esses (FREYRE, 1982, 180)⁷.

Embora na época do retorno de Gilberto Freyre ao Recife a militância política de José Lins tenha já esfriado um pouco, pois seu auge coincide com o primeiro ano do semanário *Dom*

⁶ Souza Barros, no seu já citado livro, realizou uma pesquisa de opinião com vários pernambucanos ilustres que viveram a década de 1920. Os resultados de tal pesquisa encontram-se espalhados pelas páginas de seu livro. A referencia a José Lins como um líder político está em: BARROS, Souza. Op.,Cit., 1985, 186.

⁷ Chamamos a atenção para o fato de que o autor desta citação *representa o jornal do Recife* como um periódico já em decadência. Todavia, Luiz do Nascimento e Souza Barros, nos seus livros já citados aqui, apontam tal jornal como um dos grandes jornais da década de 1920. Ver: NASCIMENTO, Luiz do. Op., Cit., 1982, 94. E BARROS, Souza. Op.,Cit., 1985, 181.

Casmurro, aquele *representa* o acadêmico paraibano como um “panfletário zangado: um menino a roncar como uma fera contra o presidente Bernardes, contra Estácio Coimbra, contra Coelho Neto, contra a Academia Brasileira de Letras” (FREYRE, 1978, 49). Na pena do sociólogo pernambucano o rapaz de 22 anos vira um menino insensato, alguém desprovido do juízo adulto que lhe pudesse pôr um freio nas mãos. Ao rerepresentar José Lins como um “menino a roncar como uma fera”, Gilberto Freyre passa a ideia de que aquele não sabia o que fazia, agia como um jovem infantilizado, sem causa e razão.

Essa *representação*⁸ freyreana do passado ativista de José Lins deve ser relativizada por dois motivos. Primeiro porque ela está inserida dentro de uma estratégia discursiva de consagração do Pernambucano. Ela está permeada por um objetivo, o qual consiste em valorizar o impacto de Gilberto Freyre na – usemos a metáfora do próprio Freyre – “conversão de Lins do Rego panfletário demagógico para José Lins do Rego escritor” (FREYRE, 1978, 42). Quase todos os textos de Freyre sobre José Lins estão imbuídos de uma intenção consagradora da parte do primeiro. O pernambucano visou colocar-se como uma das principais causas para o paraibano vir a torna-se romancista. Como se dissesse que sem Gilberto Freyre não haveria um José Lins do Rego literato. Por isso o passado deste, ou melhor, a época anterior ao contato com Gilberto Freyre, é minorizada, a fim de se afirmar o quão importante um foi para o outro, o quanto um contribuiu para o aparecimento do outro. Assim, o processo de “conversão” de Lins do Rego em José Lins do Rego, ou seja, de panfletário em romancista, ocorreu a partir da ação catequizadora de Gilberto Freyre, que lhe mostrou o caminho a seguir.

O sentido de consagração que entendemos não está ligado à fama, à notoriedade, uma vez que Gilberto Freyre, quando escreveu seus diversos textos sobre José Lins, já era um intelectual reconhecido nacionalmente e internacionalmente. A estratégia de consagração, que dizemos existir nos textos freyreanos sobre José Lins, relaciona-se com uma tentativa de

⁸ Usaremos no sentido de re-apresentar, de construir uma imagem, uma visão do objeto representado. Não se trata, de modo algum, de representação no sentido de representar um objeto ausente, de presentificar uma ausência nem tampouco de trazer o real. Ver: SAID, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 51-52.

consagrar Gilberto Freyre como o grande responsável pelo aparecimento do romancista paraibano. Trata-se, pois, de algo mais específico e pontual. Ao falar sobre José Lins, não era necessariamente a consagração intelectual que Freyre buscava, dado que já a tinha. O que ambicionava era a consagração como aquele que gerou um romancista, que fez aparecer um literato para o mundo. Tal estratégia freyreana, na verdade, extrapola o aparecimento do romancista José Lins, para alcançar o que se convencionou chamar de “Romance de 30”⁹:

Eu seria, entretanto, mais do que exagerado em minha galanteria de vivos para com mortos, se me prestasse à farsa de aceitar em silêncio aquela suposta coincidência (aparecimento na mesma década de *Casa Grande e senzala* e do “Romance do Nordeste”), omitindo-me nos acontecimentos daquela época e fingindo-me espectador do aparecimento, em nosso país, de uma nova literatura de ficção (FREYRE, 1987, 58).

O mestre de Apipucos quer consagrar-se como o elemento que desencadeou a produção literária de uma série de romancista nordestinos, entre os quais estaria, especialmente, José Lins do Rego. Gilberto Freyre assume esse papel e essa participação, enfatizando que a obra literária ligada ao “Romance de 30” surgiu a partir de sua pregação regionalista e tradicionalista, a qual “revelou” para o Brasil a riqueza de uma região.

Em segundo lugar, como toda estratégia de consagração, o intento freyreano operou silenciamentos, ao passo que destacou outros elementos, justamente aqueles que lhes eram mais convenientes. É assim que vemos, nos diversos textos freyreanos sobre Lins do Rego antes do contato com Gilberto Freyre, o mestre de Apipucos ocultar a atividade de crítico literário do Paraibano, desenvolvida em jornais como o *Jornal do Recife*, ao mesmo tempo em que se esmera em sublinhar as lições sobre a língua e a literatura inglesa, o sentimento regional, o valor do passado e da Tradição etc., revelados ao jovem paraibano. A escrita de Gilberto Freyre, como toda narrativa, realizou cortes intencionais, fez omissões e grifos num único golpe. Como a contribuição destacada por Gilberto Freyre à vida e obra de José Lins é

⁹ O Romance de 30 compreende uma volumosa produção publicada entre o final década de 1920 e final da década de 1930, que, em termos amplos, compreende o romance de corte realista, seja este introspectivo ou não, que se preocupou com varias questões sociais proeminentes do Brasil daquelas décadas. Mais informações em: BUENO, Luís. Dois problemas gerais. In:_____. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp/Campinas:Unicamp, 2006.

bastante conhecida e não exige um esforço maior do que uma leitura dos textos que já apontamos, vamos nos deter nos apagamentos que o ensaísta pernambucano realizou.

A escrita Freyreana, quando se debruçou sobre José Lins no seu período recifense anterior ao regresso de Gilberto Freyre, em 1923, praticamente nada menciona do *lugar de sujeito* (FOUCAULT, 200) que aquele tentava ocupar, quando era ainda um acadêmico. Ao ler apenas os textos de Freyre ficamos com a impressão de que Jose Lins, antes de conhecer o jovem promissor que voltava de uma longa temporada de estudos nos Estados Unidos e viagens pela Europa, não passava de um reles estudante, aprisionado no jornalismo político. Em alguns textos do próprio José Lins também ficamos com essa impressão: “para mim tivera começo naquela tarde de nosso encontro a minha existência literária” (REGO, 1968, 22). Será que a existência literária de José Lins começou realmente naquela ensolarada tarde? É o que veremos.

Poderíamos apontar vários artigos de José Lins no *Jornal do Recife* que lhe permitiram ocupar a posição de crítico literário no meio intelectual pernambucano¹⁰. No entanto, escolheremos aqueles que julgamos mais significativos e/ou que embasarão discussões nos próximos capítulos. Nesse sentido, um dos primeiros artigos de crítico literário que José Lins produziu para o periódico ora em tela foi um denominado sugestivamente de *Os novos (01.01.1922)*, onde realiza uma espécie de balanço da atual geração literária de Pernambuco, comparando-a com a gloriosa geração da escola de Recife de Tobias Barreto e Silvio Romero. Daí o título do artigo, *Os novos*. Trata-se, portanto, de um texto de mapeamento dos novos literatos pernambucanos, bem como de um diagnóstico avaliativo destes em relação aos antigos.

Como literatos de sua época de grande expressividade, o aspirante a crítico literário José Lins cita, basicamente, os seguintes nomes: Laurindo Leão, Joaquim Pimenta, Silva

¹⁰ É pertinente destacarmos que, segundo César Braga, depois dos primeiros artigos de crônica social no *jornal do Recife*, José Lins passa a ter seus artigos estampados na primeira página do jornal. Ver: PINTO, César Braga. Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego. In: *revista IEB*, N.52., Set./Mar. 2011, p. 13-42, 19.

Lobato, Austro-Costa, Múcio Leão¹¹, Lucio Varejão e Barbosa Lima Sobrinho. Sobre cada uma dessas “grandes emoções poéticas” (REGO, 2007, 121), tece breves elogiosos comentários. Porém, conclui que, por mais expressivos poeticamente que sejam esses autores, não podemos igualá-los aos antigos pernambucanos, verdadeiros monumentos intelectuais da pernambucanidade: “aqueles tempos românticos de Castro Alves e Tobias Barreto, período de grandes fermentações, não se repetem em nossa história. Foi um caso esporádico em Pernambuco. A faculdade de Direito perdeu a sua função social, nada mais do que uma grande casa cheia de grandes cérebros que não agem” (REGO, 2007, 123). A comparação dos antigos com os novos leva até José Lins a criticar a Faculdade, instituição de ensino que conhecia bem.

A produção jornalística ora em observação mostra que José Lins era um jovem que conhecia não só os literatos de sua época, mas também os renomados homens de letras de outrora, o que lhe possibilitava uma comparação entre os novos e os antigos. Para produzir um texto como este que estamos comentando, somente alguém que conhecesse o meio intelectual local, que lesse as obras dos autores, que estivesse minimamente integrado no circuito literário recifense. Embora adotasse comportamentos boêmios e militasse em causas sociais e políticas, José Lins circulava entre os literatos locais, conhecia suas obras e refletia sobre elas. Pelo artigo *Os novos*, vemos uma *figura de saber* (FOUCAULT, 200, 42) que emite avaliações sobre um conjunto de autores, que incursiona no campo da crítica literária, ainda que este na época não tenha se institucionalizado.

Outro artigo de crítico literário escrito para o *Jornal do Recife* por José Lins, quando ainda era um acadêmico boêmio envolvido em militância social e política, foi sobre o livro *A comédia dos erros* (1923) do poeta alagoano Jorge de Lima. O artigo tem por nome o próprio

¹¹ Múcio Carneiro Leão (1898-1969) foi um jornalista, poeta, contista e orador nascido no Recife e formado em Direito na Faculdade de Direito do Recife, mas que viveu muito tempo no Rio de Janeiro, onde conviveu fraternalmente com Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Ronald de Carvalho, entre outros literatos. Além de colaborar em jornais (*Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *A Manhã*), escreveu livros de poesia, contos e romances. Ver: FILHOS, Murilo Melo. **Múcio Leão**: Centenário. Rio de Janeiro: ABL, 1998. José Lins chegou a escrever um livro sobre esse literato, porém o mesmo, apesar de já impresso, não chegou a ser publicado. A notícia deste livro, impresso provavelmente pela gráfica Costa Pinto & Cia, é dada por Gilberto Freyre, mas também pelo jornal *Dom Casmurro*. Ver: FREYRE, Gilberto. Op., Cit., 1978, 47. E *Dom Casmurro*, 01 de novembro de 1922.

título da obra. É pertinente apontarmos que o livro de ensaios de Jorge de Lima só foi publicado em 1923, mas José Lins já o teve acesso antes, em 1922, podendo assim escrever uma resenha sobre o mesmo em 19 de maio deste ano. O próprio autor do artigo acusa o recebimento do livro: “Jorge de Lima mandou, para mim, que levo a vida pela urgência irrefreável de meus nervos, *o seu livro inédito*, o seu grande livro de mestre” (REGO, 2007, 204). O motivo pelo qual Jorge de Lima, provavelmente sem nunca ter se encontrado com José Lins¹², mandou seu livro inédito para este é um caso que deixamos para investigação futura. Talvez, o poeta alagoano, conhecendo os artigos de crítica literária de José Lins no *Jornal do Recife*, periódico que tinha um grande poder de circulação pelos estados vizinhos a Pernambuco (Jorge de Lima, na época, residia em Maceió), tenha mandado um exemplar de sua obra para ser resenhada pelo acadêmico paraibano, em um interesse de obter maior projeção.

Para não ficarmos em especulações, o fato é que José Lins resenhou o livro, avaliou suas qualidades e enalteceu o autor. E o crítico literário fez mais do que saudar o livro, exaltar sua qualidade. Pensou o seu conteúdo, sua forma, estilo e agudeza de análise. Isso porque José Lins assumia a *figura de saber* que trata da literatura, que pondera sobre a linguagem, sobre o *modus operandi* do autor acerca do qual discorria. O tratamento que o estudante paraibano deu ao seu objeto foi o tratamento de um crítico literário.

José Lins, pretendente a crítico literário, como muitos jovens talentos que atuavam na imprensa da época, resenhou livros de amigos. Na imprensa nacional das primeiras décadas do século XX era muito comum a prática de resenhar obras de amigos ou conhecidos. As primeiras notas sobre um texto, geralmente, saíam como um gesto de amizade ou consideração, ajudando, assim, a promoção de escritores-amigos ou conhecidos. Com o estudante paraibano não foi diferente. No *jornal do Recife*, em 18 de Junho de 1922, vemos uma análise sobre o livro *reflexões de um cabra* (1922) de José Américo de Almeida, autor paraibano que José Lins conheceu em 1919, quando ainda tinha 18 anos e acabara de entrar na

¹² No artigo, depreendemos que José Lins ficou sabendo de Jorge de Lima através de Jayme de Altavilla e Mario Marroquim.

Faculdade. Sobre seu conterrâneo paraibano, José Lins apontou que era “um mestre de estilo, o mais elegante da publicística paraibana” (REGO, 2007, 211). Sobre o livro: “é o seu primeiro estudo de costumes sertanejos. Está ainda sem as linhas e os traços precisos dos hábitos patriarcais destes recantos bárbaros. José Américo fez realizar esta obra, dando-nos o carrancismo paterno com as suas exigências medonhas. É a vida originalíssima dos sertões que ele vai nos oferecer” (REGO, 2007, 212). Mesmo sendo livro de um amigo, de alguém que admirava muito e de quem muito se aproximou, José Lins não se eximiu de fazer uma crítica, acerca da ausência dos hábitos patriarcais dos personagens sertanejos.

O *lugar de sujeito* de crítico literário, que viemos nas últimas páginas mostrando para desmistificar a *representação* freyreana de que a vida de José Lins antes de 1923 reduzia-se ao mero panfleto político, a subliteratura de jornalismo político, foi ocupado não só no *diário do Estado* e *Jornal do Recife*. No *Dom Casmurro*, semanário assumidamente panfletário, como já apontamos, o acadêmico paraibano também encarnou aquela *figura de saber*. No jornal de criação de Osório Borba e José Lins, este comentou livros de Lima Barreto (06.11.1922) e Jorge de Lima (23.02.1923). Particularmente significativo, é o artigo *Enquanto os futuristas de S. Paulo fazem ridículos, uma geração no Rio salva a cultura brasileira* (13.11.1922). Como o título sugere, José Lins faz aqui uma crítica ao Modernismo paulista, ligado aos Andrades.

Ao invés de louvar os pretensos feitos revolucionários do grupo da *Klaxon*, José Lins não só desconfia dos anseios modernistas, como os vê como algo ingênuo e infantil. Na verdade, o futuro romancista discorda do programa modernista. Ao invés de se “arrasar com a cultura brasileira”, urgiria “uma nova descoberta do Brasil ao Brasil. Porque país no mundo se desconhece mais” (REGO, 2007, 249). E para José Lins, quem estava promovendo esse descobrimento não eram os modernistas paulistas, mas sim um grupo de jovens ligados a *Árvore Nova*, revista “que tem um programa de bandeirante: descobrir especiarias Brasil afora” (REGO, 2007, 250). Assim, o jovem crítico literário se posicionava no caloroso debate existente no Recife dos anos 1920, debate que posicionava uns a favor do modernismo (como o jornalista Joaquim Inojosa) e tantos outros contra. José Lins coloca-se como crítico desse

movimento, levantando a bandeira de uma revista carioca, liderada por Tasso de Silveira e Rocha de Andrade.

Mais do que destacar a posição em relação ao Modernismo, o que queremos sublinhar com este polêmico artigo é o fato de que, em um jornal panfletário, apontado por Gilberto Freyre como a grande prova de que seu amigo paraibano antes de conhecê-lo estava atolado na politicagem, José Lins estava construindo um *lugar de sujeito* de crítico literário. Ao mesmo tempo que fazia suas campanhas políticas e práticas boêmias, o acadêmico paraibano realizava a atividade de quem pensava e se preocupava com as Letras nacionais. Como já indicamos, o boêmio, o ativista político e o crítico literário conviviam no indivíduo José Lins do Rego. A atuação deste nos diversos jornais aqui mostrados, comprovam que não se pode reduzir, como fez Gilberto Freyre, o período acadêmico daquele a atividade de panfletário político. O fato do mestre de Apicucos o fazer indicia, na verdade, uma estratégia de consagração, de se colocar como aquele que retirou José Lins da politicagem e o levou para o caminho das letras. Não foi bem isso o que aconteceu.

Como esperamos ter mostrado, José Lins, ao mesmo tempo em que praticava a boêmia e o jornalismo político, construía-se também como crítico literário, desde pelo menos seus primeiros artigos como colaborador da imprensa, ainda no *Diário do Estado*, onde contava com uma sessão própria, alimentada semanalmente. Antes de conhecer Gilberto Freyre, nos idos de março de 1923, José Lins não era um reles estudante, alguém sem existência literária, esperando um mestre para lhe revelar o caminho a seguir, como muitas análises querem nos fazer crer. Embora adotasse a boêmia e o panfletarismo político, ele não se reduzia a isso.

O perfil intelectual de José Lins, que viemos neste tópico tentando retrair, contempla, além do comportamento boêmio e da militância sócio-política, a *figura de saber* de crítico literário. Ainda que o romancista consagrado, ao lembrar seus primeiros contatos com Gilberto Freyre, afirme que “não tinha existência literária” antes do encontro com este, o que se evidencia, a partir de seus artigos tanto no jornal paraibano como na imprensa recifense, é a existência de um atividade literária, ligada a de crítico. O fato de José Lins, nos idos de 1923, quase lançar um livro sobre Múcio Leão, comprova que aquele vinha praticando exercícios de

crítico literário e era com este *lugar de sujeito* que tentava se projetar no meio intelectual pernambucano.

Como quem escreveu regularmente desde os 18 anos para um jornal, contribuiu em três jornais na imprensa pernambucana, resenhou vários livros, participou de algumas polêmicas literárias e quase lançou um livro sobre um literato pode dizer que não tinha existência literária? José Lins do Rego tinha sim existência literária, ainda que tenha tentado negar. Sylvio Rabello, pernambucano que vivenciou os anos 20 em Recife, colaborando em vários jornais, apontou José Lins do Rego como entre “os nomes de maior influência em Pernambuco, no que diz respeito a vida intelectual” (BARRRO, 1985, 303). Assim, outras pessoas perceberam a existência literária de José Lins. Não foram apenas suas farras noturnas e mobilizações políticas que chamaram a atenção.

Referências Bibliográficas:

Fontes:

A Província (1920-1923)

Dom Casmurro (1922-1923)

Diário de Pernambuco (1923)

Cartas de José Lins do Rego a Gilberto Freyre (arquivo fundação Gilberto Freyre)

Livros:

BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco**. Recife: Fundação da cultura, 1985.

BARBOSA, Francisco de Assis. Foi a velha Totônia que me ensinou a contar história. In: CONTUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela B. (Orgs.). **Fortuna crítica: José Lins do Rego**. Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Funesec, 1991,

BUENO, Luís. Dois problemas gerais. In:_____. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp/ Campinas:Unicamp, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico**. São Paulo: EditoraUNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Papyrus, 1996.

FREYRE, Gilberto. José Lins do Rego e eu. In: _____. **Alhos & Bugalhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

FREYRE, Gilberto. Em torno da Recifensização de José Lins do Rego. **Ciência & Trópico**. Recife, V. 10, N.2, p175-178, Jul./Dez., 1982,

FREYRE, Gilberto. Recordando José Lins do Rego. In: _____. **Vida, forma e cor**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FONSECA, Edson Nery da. José Lins do Rego e o Recife. In: _____. **O Recife revisitado**. Natal: Edufrn, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

MELLO, Barbosa. Escritor fiel ao seu meio. In: MARTINS, Eduardo. **José Lins do Rego: o homem e a obra**. João Pessoa: Secretária de educação e cultura, 1980, 369-361.

NASCIMENTO, Luiz do. Dom Casmurro. In: _____. **História da imprensa pernambucana**. Recife: Universidade federal de Pernambuco, editora universitária, 1982, 147-148.

PEREIRA, França. Um século de vida literária e Pernambuco. In: FREYRE, Gilberto. **Livro do Nordeste (1825-1925)**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1970, (versão fac-similar do original de 1925).

REGO, José Lins do. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto. **Região e Tradição**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

REGO, José Lins do. **Ligeiros traços**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

REGO, José Lins do. Nordestinas. In: _____. **Bota de sete léguas**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1951, p. 137-139

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade de Recife na década de 20**. Recife: Fundarpe, 1997.

SAID, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lilia M. A faculdade de Direito de Recife. In: _____. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.